

Um olhar sobre nós... na Escola (Parte I)

Alguns alunos das turmas do 9º ano, com desenhos apresentados nesta exposição, entraram nesta escola quase há 3 anos, quando o edifício tinha acabado de sofrer obras de beneficiação profundas face ao seu estado avançado de inoperabilidade/degradação, resultado de 55 anos de uso ininterrupto.

Do chão aos tetos, das portas às janelas, dos candeeiros aos puxadores, tudo era novo. Também eram novos alguns dispositivos de segurança e de comunicações, entre outros, que pretendiam, como serviços, melhorar a confiança dos utilizadores e o funcionamento da escola. Também era renovada a esperança de poder proporcionar bem-estar a quem usufruísse este espaço no cumprimento da sua função, fosse como funcionário, aluno ou professor.

Mas esse tempo passou porque, rapidamente, as portas apareceram partidas, os puxadores caídos, os relógios sem ponteiros, os cacifos arrombados, as placas informativas arrancadas, as torneiras seladas, o bem-estar comprometido e a vontade de percorrer os corredores e atravessar os espaços de aula e serviços completamente abalada.

No início do seu percurso escolar nesta escola, estes alunos tiveram um pequeno debate com o professor de educação visual, em que os conceitos essenciais discutidos foram a **liberdade** e a **responsabilidade**, aquela dicotomia cujo equilíbrio difícil podemos chamar **respeito**.

Foi difícil o debate, porque os conceitos abordados não tinham aparente cumplicidade, afinal a **liberdade** conquistada quando os seus pais tinham nascido era o norte das suas vidas, aquilo com que podiam contar e aquilo que apresentavam como bandeira nos seus traços de personalidade.

E a **liberdade** era... poderem fazer tudo o que queriam, como queriam, quando queriam, com quem queriam, da forma que queriam e mesmo, se queriam. A **liberdade** era isso, a prevalência das suas vontades sobre tudo o resto, mesmo que tudo o resto fosse a sua família, os seus colegas ou os seus professores.

O outro lado era... uma chatice! era ler e contar, era estudar e aprender, era ser pontual e assíduo, era cumprir as normas da sala de aula e do resto da escola, era ser voluntarioso na ajuda e na partilha. Mas tudo isto não se coadunava com aquela **liberdade** que tinham aprendido em casa porque a sua vontade era sempre maior que a dos outros.

Mas o debate foi bom, foi construtivo.

No ano seguinte, logo no início do ano letivo, o debate repetiu-se nos mesmos moldes, alguns alunos eram novos na turma e participaram como os outros.

O debate foi, de novo, bom e construtivo.

No ano letivo seguinte, o que agora decorre, o debate repetiu-se nos mesmos moldes, mas com a introdução de um curto vídeo, disponível numa plataforma em que as imagens em movimento sonoro se tornam contagiosas, cujo tema “*Freedom*” era familiar a todos os alunos. Este vídeo revela uma manifestação global, em diferentes pontos do mundo, sobre a **liberdade**. Mas a **liberdade** responsável que leva o homem ao saber ser e saber estar em sociedade, à cidadania consciente de participação ativa na construção do conhecimento.

Em certa medida ter-se-á fechado um ciclo em que a dicotomia atrás referida começava a fazer sentido; afinal a **liberdade** e a **responsabilidade** eram cúmplices, nunca o protagonismo de uma ofuscava a eficácia da outra.

Foi neste contexto que surgiu esta exposição. Era importante mostrar a forma como alguns alunos, resistentes desde há 3 ou mais anos, se olhavam na escola; eles, como intervenientes diretos na utilização do espaço escolar, representaram a escola da forma como todos gostaríamos de a ver: as portas como novas, os puxadores e as placas no seu lugar, as torneiras lustradas, os relógios a dar horas, as caixas de alarme em pleno funcionamento.

Esta visão idealista é quebrada, como contraponto, pelas fotografias que mostram de forma nua e crua a realidade que perpassa por todos os espaços deste edifício escolar; em todos os blocos identificamos rastros de vandalismo que devia, de forma austera, ser banido em nome de uma **liberdade** definitivamente responsável que devemos assumir e fazer assumir.

Não resisto, como professor desta escola, a afirmar que esta exposição pode ser o ponto de partida para a **mudança**. É importante que alunos, professores, encarregados de educação e restante comunidade educativa olhem para esta realidade e se posicionem de forma crítica, tendo em conta a verdadeira razão da escola: o ensino e a aprendizagem.

Setúbal, 23 de abril de 2014

João Nunes – Professor de Artes Visuais